



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Plano de Desenvolvimento Regional
Sustentável do Xingu**

Belém-PA, 14 de outubro de 2010

Queridos companheiros e companheiras do estado do Pará,
Queridos companheiros e companheiras de Belém,
Minha querida companheira ministra Izabella Teixeira, ministra do Meio
Ambiente,

O companheiro Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; e o
companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República.

Meu caro Odair Corrêa, vice-governador do estado do Pará,

Meus queridos companheiros deputados federais Paulo Rocha, Gerson
Peres e Elcione Barbalho,

Magnífico Reitor Carlos Edilson de Almeida, da Universidade Federal do
Pará,

Meu caro Márcio Meira, presidente da Funai,

Meu caro Josias Matos de Araújo, presidente da Eletronorte,

Meu caro André Farias, secretário estadual da Integração Regional,

Meu caro Helder Barbalho, prefeito de Ananindeua e presidente da
Federação das Associações dos Municípios do Pará,

Meu caro Francisco de Assis dos Santos Souza, Chiquinho do PT,
presidente do consórcio de Belo Monte e prefeito de Anapu, por meio de quem
cumprimento todos os demais prefeitos aqui presentes,

Companheiro Carlos Nascimento, presidente do Consórcio Norte
Energia,

Meu querido companheiro Pedro dos Santos, coordenador regional da
Fetag do Xingu, por meio de quem cumprimento os representantes da



sociedade civil,

Companheiros da imprensa,

Companheiros trabalhadores,

Empresários,

Meus companheiros e minhas companheiras,

O decreto que eu assinei aqui é resultado de um outro decreto criado em outubro do ano passado, criando um grupo de trabalho que iria fazer a proposta do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Xingu, que vencia no dia 31 de agosto. Agosto terminou e o plano estava pronto e nós, então, estávamos esperando esta data para que viéssemos aqui, no estado do Pará, anunciar um outro jeito de a gente governar o Brasil, um outro jeito de a gente governar o Pará e um outro jeito de a gente oferecer oportunidades para as pessoas crescerem na vida e, ao mesmo tempo, as pessoas se sentirem bem consigo mesmas, porque nós estamos podendo ensinar, para nós e para aqueles que vierem depois de nós, que é possível a gente crescer, se desenvolver, gerar emprego, distribuição de renda, sem precisar destruir o mundo que nos acolheu.

Essa é uma coisa nova no Brasil, e é um aprendizado que todos nós não podemos esquecer jamais. Ou seja, o mundo, hoje, depende de atitudes como essa que está colocada no Plano. Esse plano vai ter um comitê gestor, esse comitê gestor vai envolver o governo federal, o governo estadual, vai envolver prefeito, vai envolver empresário, vai a sociedade civil. Esse conselho gestor vai ajudar no gerenciamento dos recursos e na aplicação desses recursos, para que a gente possa, a partir de Belo Monte, a partir do projeto do Plano de Desenvolvimento do Xingu, a gente criar um novo modelo de desenvolvimento em toda a Região Amazônica do nosso país.

Eu, um dia, vou convidar a ministra do Meio Ambiente, e vou convidar outras pessoas que discutem desenvolvimento sustentável para ir lá no Palácio



do Alvorada – enquanto é tempo, porque eu só tenho setenta e poucos dias – ou lá na Granja do Torto para ver uma coisa que eu gostaria que as pessoas compreendessem: quando a gente fala em desenvolvimento sustentável, alguns pensam que o desenvolvimento sustentável é você proibir a existência de atividade econômica para você apenas preservar a questão da natureza. E nós pensamos em como utilizar o potencial de riqueza que a natureza nos oferece para, a partir dali, mantendo a natureza preservada, a gente tirar parte do sustento da população.

Nós ainda não começamos sequer a explorar 1% da riqueza da biodiversidade que nós temos em toda a Amazônia. Então, é preciso que a gente comece com exemplos como esse, do Xingu, para que a gente vá estendendo ele para todo mundo.

Quando nós anunciamos o Arco Verde, no começo foi uma guerra, e eu sei que aqui no Pará ainda tem foco de resistência, tem foco de incompreensões, tem foco de violências, e nós assumimos a culpabilidade por muitas coisas que não deram certo. Porque, se o Arco Verde não está dando certo, nós temos que ver o que está acontecendo. Porque o Arco Verde, para dar certo definitivamente, as pessoas precisam compreender: é terminantemente proibido fazer corte ilegal de madeira onde é proibido fazer corte ilegal de madeira! A primeira coisa que as pessoas têm que compreender é isso.

Mas a segunda coisa que o governo tem que compreender para poder obrigar que as pessoas compreendam a primeira é o governo trabalhar, com todo o potencial dos seus ministérios, na construção de parcerias com as cidades e com os estados, para que a gente possa financiar alternativas produtivas para o estado, para que o prefeito possa dar respostas à necessidade de geração de emprego e de renda para as pessoas que moram nas cidades onde tem grave desmatamento.



Eu não sou ingênuo, e eu tenho certeza de que nenhum prefeito vai ficar confortável se a gente proibir uma madeireira de fazer corte de madeira ilegal, e ficarem lá 200, 300, 400 famílias desempregadas, as pessoas passando fome, e a gente não dar nenhuma alternativa, apenas a proibição. Nenhum prefeito vai virar aliado do Arco Verde.

Portanto, nós temos a obrigação de, ao mesmo tempo em que a gente vai proibir, a gente oferece com a outra mão a oportunidade de as pessoas sobreviverem dignamente, fazendo as coisas legal [legalmente]. Inclusive em um convênio com as prefeituras, passando recursos para que as prefeituras possam se desenvolver. É a única chance que a gente tem de ter sucesso total e absoluto na questão da preservação da nossa querida Amazônia. Não é o de proibir; é o de oferecer outro caminho, outra alternativa para as cidades crescerem e para as cidades se desenvolverem.

Eu lembro, Izabella, eu lembro que você ainda não era Ministra, quando eu propus ao companheiro Minc que, em vez de a gente ficar brigando com prefeito, que a gente deveria convidar todos os prefeitos das cidades em que tivesse o maior percentual de desmatamento para a gente discutir com os prefeitos alternativas aos prefeitos. E isso foi feito, e é por isso que hoje o mundo precisa se curvar diante do Brasil, porque nós, neste mês, tivemos o menor desmatamento de toda a série em que a gente está investigando o desmatamento na Amazônia.

Vocês estão lembrados que eu fui a Copenhague, em dezembro do ano retrasado... do ano passado, e lá, em Copenhague, eu propus que a gente assumisse o compromisso de reduzir em 80% o desmatamento da Amazônia até 2020. Pois bem, nós podemos entregar a encomenda antes, porque fizemos a lição de casa, e porque esta moça demonstrou muita competência. Esse é o primeiro passo.

O segundo passo, Izabella, é que... Eu gostaria de, um dia, pegar os companheiros pescadores e levar lá no lago do Alvorada, lá dentro. Porque é



um laguinho pequeno, um pouquinho maior do esse palanque aqui. Mas, olhe, lá eu tenho pintado de 17 quilos, eu tenho pacu de 12 quilos, eu tenho dourado de seis quilos, eu tenho tilápia de cinco quilos, eu tenho pirarara de mais de 15 quilos, eu tenho jaú de mais de dez quilos em um lago, que a verdade é essa, deve ser do tamanho deste plenário aqui.

Então, eu vou com a companheira Izabella, reunir o ministro da Pesca e alguns companheiros pescadores para ir saber como é que a gente pode fazer a multiplicação dos pães que Jesus ensinou para a gente há muito tempo. Se a gente souber utilizar o processo de criar peixe em cativeiro para alimentar uma cidade, uma tribo ou um povoado, a gente faz. É preciso apenas a gente saber que o Brasil tem tecnologia, tem gente especialista para fazer isso, e a gente, hoje, pode criar qualquer tipo de peixe em cativeiro, inclusive, o pirarucu. Inclusive, o pirarucu a gente pode criar, a dourada. Hoje, não tem mais peixe de água doce que a gente não consiga criar, em cativeiro, e de boa qualidade, e de boa qualidade. Portanto, eu vou querer, Izabella, que você vá a minha casa para ver como é possível. Mas eu preciso levar o Ministro da Pesca para matá-lo de inveja, quando ele vir uma tilápia de cinco quilos olhando para mim e eu jogando, ali, o anzol sem a fisga para poder pegar aquele peixe.

Eu acho... eu estou dizendo isso aqui, do peixe é verdade... na verdade, a Marisa não deixa eu pescar porque ela só quer pegar tucunaré e eu quero pegar qualquer um, ou seja, caiu na rede é peixe. Então, ela não quer que eu pegue os peixes do lago. Eu falo: Marisa, vai terminar o nosso mandato, querida. Como é que a gente vai fazer? Sabe? Mas é muito peixe, gente! É muito peixe. E eu falo: “Marisa, nós vamos levar para São Bernardo, na represa Billings? A represa está poluída, Marisa! Nós não temos água, nós temos que comer! Vou chamar alguns amigos para pescar.” E ela fala: “Meu peixe não, meu peixe não”. Eu falo: “Você vai ter que pedir para ficar morando aqui, minha filha, porque não dá. Nós temos que ir embora e temos que levar. É galinha d’angola, é galo, é galinha, é um monte de coisas”.



Então, é o seguinte, eu estou dizendo isso porque cada vez que a gente tentava fazer um projeto como o Xingu, eu lembro que há 30 anos, eu venho aqui de 1980, e já naquela época a gente discutia se a gente era favorável ou não à Belo Monte. Às vezes, eu era contra sem saber porquê era contra e, muitas vezes, a gente é contra por sentimento, outra vez, a gente é contra por princípios, outra vez, a gente é contra porque alguém é contra. E eu falava para o pessoal: gente, nós temos que construir uma proposta que seja convincente. Não é um projeto para mim. Não é um projeto para um estado apenas. É um projeto para o país, como a gente construir uma coisa que possa servir de modelo, de exemplo, de garantir, ao estado do Pará, a sustentabilidade energética definitiva sem degradar, como foi feito com Balbina, ou como foi feito com outras hidrelétricas neste país. O que acontecia? O governo decidia fazer uma hidrelétrica, contratava as empreiteiras, fazia um leilão, trazia 10, 15 mil pessoas, derrubava tudo, logo, construía uma favela ao lado, acabava a energia, ia embora, nem energia na favela colocava. Ia levar energia para São Paulo, ia levar energia para o Rio de Janeiro. Ou seja, e ficava a miséria estabelecida na região. Nós mudamos esse modelo. No projeto de Belo Monte tem 5 bilhões, no projeto, para cuidar dos problemas locais, mais 1,5 bilhão que vai ser gerido pelo consórcio para que a gente faça política, realmente, em que as pessoas se sintam confortáveis. Não tem sentido eu estar fazendo uma hidrelétrica de 11 mil megawatts e pegar um coitado de um trabalhador rural, tirá-lo de lá e colocá-lo em uma favela aqui, em Belém. Não tem nenhum sentido eu estar fazendo uma hidrelétrica para o desenvolvimento e não dar condições para as comunidades indígenas sobreviverem. Não tem sentido eu estar construindo uma hidrelétrica de 11 mil megawatts, com quase R\$ 30 bilhões e deixar os prefeitos vizinhos, das cidades, passando necessidade, sem remédio, sem dinheiro nem para pagar a folha de pagamento. Não é possível.



Então, o que nós estamos fazendo é uma mudança radical. Vai ficar mais caro? Vai. Dá mais trabalho para fazer? Dá, mas é a única possibilidade que a gente tem de fazer uma integração entre Estado e sociedade, entre o Estado e a comunidade. É o prefeito acreditar no governo federal, é o governo federal acreditar no prefeito, é o prefeito acreditar no governo estadual, é o governo estadual acreditar no prefeito, e é a sociedade acreditar em todos nós, porque nós estaremos fazendo aquilo que ela participou da decisão.

Essa é a essência do modelo de Desenvolvimento Sustentável do Xingu. É uma mudança radical, porque o estado do Pará, vocês não podem se conformar deste estado aqui ser um mero exportador de minério de ferro para a China, não podem, não podem. Este estado aqui tem um potencial extraordinário. Então, nós temos que aproveitar todo esse potencial extraordinário do estado para que a gente possa garantir que haja um desenvolvimento da sociedade. E aí, é preciso gerar emprego, gerar renda, e aí precisamos de energia, precisamos de tecnologia, e é isso que nós estamos fazendo.

Por isso, eu queria, Izabella, dizer que a responsabilidade do Ministério do Meio Ambiente é um pouco maior até, mas é importante saber que isso só vai dar certo se houver uma combinação perfeita com o estado. Se você tiver um estado que seja um estado que coloque a divergência ao invés da convergência, eu tenho experiência na carne de que isso não funciona. Ou a gente pensa, uma vez na vida, nos interesses do povo e larga a nossa pequenez de lado, ou o povo vai continuar à espera de um desenvolvimento que nunca vai chegar para ele.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero agradecer a vocês. Eu vou sair daqui, vou entrar em outra sala e vou fazer um outro debate sobre a questão do biocombustível, sobre a questão da produção de palma, sobre a questão da produção de biocombustível. O pessoal já está aqui, nós vamos para lá, não tem tanta gente assim... Mas eu queria dizer para vocês o



seguinte: faltam 77 dias para eu deixar a Presidência da República. Eu acho, companheiros e companheiras, que nós precisamos fazer uma profunda reflexão do que nós conquistamos nesse período, acho que nós temos que fazer uma profunda reflexão. Hoje eu estava no estado do Piauí, e eu fiquei sabendo que uma cidade de 20 mil habitantes, chamada Bom Jesus, que há oito anos não tinha e nem pensava em ter universidade, hoje tem uma faculdade com 102 doutores.

Nós, quando entregarmos o mandato, no dia 31 de dezembro, nós teremos inaugurado, no Brasil, 126 extensões universitárias, levando o braço das universidades para todo o país, e teremos inaugurado 14 universidades federais novas, e teremos inaugurado 214 escolas técnicas. Ou seja, nós fizemos, em oito anos, uma vez e meia aquilo que foi feito em um século.

Isso, isso não é uma conquista do presidente Lula. Isso é uma conquista de vocês. Porque, para que a gente chegasse ao ponto que nós chegamos, nós construímos 72 conferências nacionais. E foram exatamente essas conferências nacionais que decidiram o tipo de política que a gente tinha que implementar neste país: foi conferência da pesca, foi conferência com os companheiros portadores de deficiência...

A aposentadoria dos hansenianos ainda não paga a dívida que a sociedade tem com o hanseniano neste país. Porque é verdade, é verdade que nós demos uma aposentadoria para quem viveu com colônia. Mas tem muita gente que não viveu em colônia e tem uma situação tão ou mais degradante do que alguém que viveu em colônia.

Então, o que nós precisamos – e eu já tive uma reunião com os companheiros lá em São Bernardo – é tentar estender esse benefício para todo mundo que está impossibilitado de trabalhar e que foi vítima da hanseníase, mesmo que não tenha morado em colônia, porque é assim que um país age para poder fazer o processo de reparação com aqueles que tiveram menos, menos, um dia, condições de sobrevivência no nosso país.



Eu sei que nós ainda temos muita coisa para fazer, mas foram vocês que conquistaram, foram vocês que conquistaram. Eu lembro da Conferência da Saúde, eu lembro da Conferência das Cidades, eu lembro da Conferência da Educação, eu lembro da Conferência dos Portadores de Deficiência, eu lembro da Conferência do Negro, eu lembro da Conferência dos Índios, eu lembro da Conferência das Minorias, eu lembro da Conferência dos Direitos Humanos, em que todo mundo falava aquilo que queria falar. Nós não podemos perder esse direito da sociedade ser ouvida. Nós não temos o direito de perder uma coisa que foi uma conquista nossa.

Então, eu acho que esse legado é uma coisa importante para a gente não esquecer. Quando as pessoas perguntam: “Ô, Lula, qual é o legado que você vai deixar neste país?” Eu digo sempre: “O legado que eu quero deixar neste país é as pessoas mais humildes deste país descobrirem que elas podem chegar a ser presidente da República, que elas podem governar este país”. Esse é o legado mais extraordinário.

E isso só é possível quando há uma relação de confiança, quando há uma relação de confiança que nós criamos – até porque eu não estou nessa luta há pouco tempo, ou seja, faz 30 anos, no mínimo, que eu conheço alguns de vocês, 30 anos no mínimo. Ou seja, nós construímos uma relação que pôde permitir que a gente construísse uma hidrelétrica de Belo Monte, coisa que era impossível a gente pensar há cinco anos, era impossível. E nós construímos um projeto em que todo mundo foi ouvido. Até aqueles que, muitas vezes, querem ser moucos, mesmo não sendo moucos, nós ouvimos. Mesmo aqueles que são contra porque precisam ser contra, nós ouvimos.

E a ordem minha para os meus companheiros era: “Não levantem a voz com ninguém e não discutam com ninguém. Convençam. Convençam, discutam e convençam. Porque quando o argumento é verdadeiro, ele é convincente”.

Então eu, eu que estou me despedindo de vocês aqui para ir ali fazer



uma reunião, eu quero, do fundo... Não, olhem, eu quero, do fundo do coração, agradecer. Não pensem que vocês vão ficar livres de mim. Não pensem, porque eu vou continuar andando este país, eu vou continuar fazendo política, eu vou continuar... Eu tenho uma dívida de tomar... Eu tenho, eu tenho uma dívida comigo mesmo, de tomar um banho nas boas praias do Tapajós, lá em Santarém, que Maria do Carmo haverá de me convidar, em 2011, que aí eu posso colocar um *short*, sem preocupação de a imprensa estar tirando fotografia, eu posso tomar uma água de coco e uma cervejinha sem me preocupar que alguém está com fotografia. Aí, eu vou ser cidadão brasileiro e vou poder degustar melhor a relação de amizade que nós construímos nesses acho que mais, acho que mais de 30 anos. Eu acho que foi em [19]80 que eu vim aqui, a Belém, fui a Cametá, na terra do Gerson Peres, fui em um barquinho, daqueles de motorzinho de “poc, poc, poc, poc”, 24 horas até chegar lá, comendo frango com farinha, comendo frango com farinha e tomando água pega lá no rio, até que o barco encalhou em um banco de areia, nós paramos lá de noite, aí tomamos umas canas, porque também ninguém é de ferro. Eu estava com medo de uma arraia, então precisava...

Então, eu, do fundo do coração, eu quero agradecer. Agradecer a extraordinária relação de confiança que nós estabelecemos entre nós. Eu, certamente, virei aqui, porque tem coisa para inaugurar, até o final do meu mandato eu virei aqui. Mas se eu não vier, alguém aqui... então, eu estou me despedindo como Presidente, mas voltarei como cidadão brasileiro, logo, logo, para ver vocês.

Um abraço.

(\$211 A)